Revista Espaço Acadêmico - Nº 136 - Setembro de 2012
Mensal - ANO XII - ISSN 1519-6186

RESENHA

BETTO, Frei; GLEISER, Marcelo; FALCÃO, Waldemar. **Conversa sobre a fé e a ciência.** Rio de Janeiro: Agir, 2011, 334 p.

Fé e Ciência: novas feições de um antigo debate

TARCÍSIO VANDERLINDE*

Um debate antigo, porém sempre instigante, volta neste início de século em "Conversa sobre a fé e a ciência". O texto organizado por Waldemar Falcão socializa diálogos sobre a temática a partir de um encontro entre Marcelo Gleiser (físico) e Frei Betto (teólogo). O assunto sobre o qual se debruçam os problematizadores constitui interesse da literatura universal e teve desdobramentos inusitados, principalmente, a partir da modernidade. Albert Einstein, Galileu Galilei, Giordano Bruno, além de outros cientistas e teólogos como Martinho Lutero, Santo Agostinho e Teilhard de Chardin, são revisitados a luz do conhecimento científico e teológico disponível neste início de milênio.

As descobertas científicas sempre causaram algum desconforto diante dos dogmas instituídos pela Igreja Católica. Porém, em momentos diversos, outras religiosidades emergentes também desconfiavam das descobertas, como se pode ver no comentário de Lutero em relação à descoberta heliocêntrica de Copérnico: "Tem um astrônomo louco aí querendo dizer que nós ficamos viajando em torno do Sol como se estivéssemos num carrossel! Ele quer virar o céu de cabeça para baixo" (p.193).

Fé e ciência parecem convergir em muitos momentos dos diálogos, como é o caso da concepção de mistério, aquilo que, à primeira vista, não tem explicação razoável: o inexplicável. O mistério fascina cientistas e teólogos e os motiva em suas jornadas materiais e imateriais. Gleiser lembra que Einstein falava que a coisa mais emocionante que uma pessoa poderia experimentar era o mistério. Ele afirmava que a ciência se caracterizava como uma forma de devoção religiosa, no sentido de a pessoa se dedicar a algo desconhecido: a entrega, como uma devoção que toma conta do cientista ao não saber.

Os diálogos esclarecem equívocos presentes no campo religioso ao discutir diversas questões relacionadas à espiritualidade. Neste caso, nem toda religião seria necessariamente portadora de espiritualidade. Fica evidente que religiões também servem para atender outros propósitos. Por outro lado, as religiões são muito recentes na história da humanidade, existindo, talvez, no máximo, há oito mil anos. Já a

espiritualidade teria uma ancestralidade muito mais distante, remontando ao aparecimento do *Homo sapiens*.

Em relação à questão do "dogma", aspecto muito presente nas religiões, Gleiser esclarece que, no caso da ciência, ele não pode persistir, uma vez que, em seu âmbito, constatam-se teorias que podem ser aceitas, mas que podem também ser questionadas, até mesmo derrubadas ou complementadas no futuro. O que pode ocorrer é que fé e ciência podem servir como um veículo da condição humana, de ir além, de explorar uma dimensão desconhecida.

A ciência pode apresentar questões limitantes ao lidar com narrativas que explicam como funciona o mundo, mas que não apresentam respostas para questões tais como: por que o mundo funciona. Por outro lado, a religião não pode ter a pretensão de explicar o "como". Gleiser não vê, contudo, incompatibilidade entre espiritualidade e ciência. Uma pessoa que se dedica toda uma vida ao estudo da natureza é um apaixonado por ela. Na experiência do físico, esta seria uma relação espiritual, mesmo que muitos cientistas não reconheçam como tal.

É curioso observar como os diálogos entre Gleiser, Frei Betto e Falcão convergem na direção às conclusões dos estudos empíricos sistematizados por Émile Durkheim sobre o fenômeno religioso há cerca de um século. Para Durkheim, as crenças religiosas se baseiam numa experiência específica cujo valor demonstrativo, num certo sentido, não é inferior ao das experiências científicas. A conclusão do sociólogo foi de que as noções essenciais da lógica científica são de origem religiosa: a "fé na ciência" emerge da "fé religiosa"[1]. No início do século XXI, Gleiser vê a busca pelo conhecimento científico como uma grande busca espiritual que, segundo ele, procura responder "anseios que estão conosco desde tempos ancestrais" (p.329).

Outra questão sempre presente neste tipo de debate é a origem do Universo. Neste caso, a teoria do *Big Bang* inevitavelmente entra em cena. Contudo, ocorre ainda outro aspecto de fundo ainda mais instigante: se existe um momento inicial, o que estava ocorrendo antes deste momento? Santo Agostinho é requerido para auxiliar na resposta. Nas conclusões de Gleiser, tempo e espaço teriam surgido com a Criação. Portanto, não faria sentido falar em "antes", porque não existia "antes", não existia tempo, não existia espaço.

Motivado por situações conjunturais recentes, o debate entre ciência e fé não pode evitar o delicado fenômeno do ressurgimento dos fundamentalismos. Fica evidente que a carência de humildade, além de outros elementos, pode estar relacionada ao fenômeno. Porém, há também a constatação de que existem "fundamentalismos científicos" que se caracterizam por fazer uma guerra contra a religião. Na visão de Frei Betto, teríamos "que desenvolver por meio do exemplo da ciência como busca da verdade pelos caminhos da dúvida, a busca de Deus pelo caminho da tolerância" (p.110). Uma tolerância que seria extensiva inclusive aos que negam a existência de Deus desde que não quisessem também impor, sem questionamento, seu ateísmo aos demais.

[1] Cf. DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Com a secularização imposta ao mundo pela tradição racionalista e com o fim da hegemonia da religião sobre a cultura, a humanidade estaria numa fase de transição, temporariamente atolada numa espécie de "limbo ético" conduzido pelo onipresente paradigma do mercado, que normalmente não carece de ética para sobreviver. Porém, o esvaziamento da ética parece ocorrer em todas as áreas, seja na política, na ciência ou na tecnologia. Para Frei Betto, o período medieval teve como paradigma a religião, o da modernidade, a razão, sendo que na "pós-modernidade" estaríamos ainda em busca do novo paradigma. Nas novas fronteiras da religiosidade do tempo presente, a ecologia aparece como uma possibilidade de acordo entre ciência e fé. Diante do inimigo comum, que seria nós mesmos, haveria razões suficientes para nos unificarmos como espécie. Na conclusão de Gleiser, a guerra entre nosso passado e nosso futuro só poderia ser lutada no presente.

A relação entre religião e poder emerge nos diálogos a partir de uma humorada história que Frei Betto recupera a partir de um texto literário de Dostoievski: "Os irmãos Karamazov". Trata-se da história de um inquisidor que, no século XVI, encontra Jesus de retorno à Espanha. Dostoievski narra que Jesus volta a Terra e reaparece em Sevilha. É preso, levado para o cárcere e interrogado pelo cardeal inquisidor. Quando o cardeal chega diante dele, o reconhece e diz: "Sei quem você é. Cometeu um erro grave em voltar a Terra. Porque você pregou o amor, nós levamos 15 séculos para impor a obediência. Pregou a liberdade, e levamos 15 séculos para impor a disciplina. Pregou a tolerância, e levamos 15 séculos para impor o castigo. E não pense que vou deixá-lo vivo". E manda matar Jesus de novo.

"Conversa sobre fé e a ciência" levará o leitor ainda a outras instigantes fronteiras provocadas pelo diálogo entre os autores do texto. A trajetória social, cultural e política de cada um dos protagonistas interfere nas conclusões motivadas pelas crenças de cada um e pode levar o leitor a concluir que, para além das conversas sobre fé e ciência, emerge uma criativa análise de conjuntura do nosso tempo.

* **TARCÍSIO VANDERLINDE** é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor adjunto D da Universidade Estadual do Oeste do Paraná